

tínhamos a dona Rosa de Lima Moreira, que também era assim, tipo *laissez-faire*, sabe?, ela não, não dava palpite e ela se excluía muito, né? Tínhamos também a, a Flora Mesantier, que essa seria uma boa se vocês pudessem encontrar a Flora para poder fazerem uma entrevista, a Flora não, aliás, a Carmem.

V.: Carmem?

C.: Tinha uma irmã que era a Flora. Carmem Mesantier. Então todo esse pessoal, é depois começou a entrar, entrou. Entrou a Alaíde [Esteves Lima], entrou a Alzira [de Souza Melo], e foi entrando o pessoal, né?, na Escola. Tinha a Yole [de Carvalho Mazzoni] e a Vitória [Maria, da Silva], mas elas viviam mais no Hospital das Clínicas. Elas eram enfermeira obstétricas, né? Então elas moravam no Hospital das Clínicas e, conviviam também num, numa casa que foi criada aqui, não sei se vocês ficaram sabendo, que a Escola criou uma casa chamada de..., pode colocar aí, eu até perdi, existe uma outra casa aqui na, no, no, vamos ver esse nome. Se eu me lembrar eu conto pra vocês. Amparo! Amparo! Tinha a Escola e tinha uma casa aqui na, na Rua dos Otoni. Uma casa grande, e aí as professoras que davam obstetrícia, elas tinham as gestantes lá dentro pra dar acompanhamento, pra fazer orientação. É, quando elas encontravam gestantes é, na rua, que se engravidavam e que os pais jogavam na rua, elas pegavam e colocavam. Então elas faziam um trabalho muito bonito, sabe? Vitória, Yole e Aparecida Freire, três, né? Aí depois entrou a Dilza [de Brito Guimarães], entrou a Solange, [enfermeiras do HC], depois entrou a irmã, a irmã Cecília Behering, sabe?, ela até já faleceu. Uma pessoa também que vocês podiam entrevistar, não é?

V.: Agora?

C.: Não, foi o ano passado, não sei.

V.: Não sei. Ela teve na Semana Brasileira de Enfermagem conosco.

C.: Agora?

V.: Do ano passado [1995].

C.: Acho que ela morreu no segundo semestre se eu não me engano. Eu tenho impressão. Não tenho certeza, mas eu tenho impressão que ela morreu, no segundo semestre, tá?<sup>3</sup>

E.: (riso).

<sup>3</sup> Ir. Cecília foi entrevistada por nós em 05/06/96, em São Paulo.

E.: Deixa eu te perguntar uma coisa. Você tinha dito que as pessoas em geral, tinham receio de se aproximar da irmã Emília. É, é, você tinha essa aproximação, tinha outras pessoas que tinham essa aproximação, e a que, que hoje você deduz que você conseguia se aproximar dela, da irmã Emília, da irmã Emília?

C.: Ó, eu não sei se isso seria uma, uma questão de me valorizar mais, porque eu tinha, eu falava a verdade pra irmã Emília, sabe? Eu questionava as coisas que ela colocava, não é? É, quando ela por exemplo, chegava a professora que era uma freira, que falava a aluna tal, ao, ao fazer uma, uma devolução de técnica, naquela época chamava devolução de técnica. Então tinha de pegar, tinha de ter estes dois dedinhos assim (gesto com as mãos para mostrar), para poder puxar o lençol, para poder forrar a cama. Você não podia fugir nada daquilo que foi dado da técnica. Então a forma de se pegar o lençol, você tinha de pegar com esses dois dedos (gesto com as mãos novamente para mostrar). Depois você puxava, você tinha que puxar com essa mão (gesto para mostrar), sabe? Então eu questionava, inclusive com a irmã Emília, quando ela fazia reunião com o grupo, eu achava, assim, que a, o mais importante era você ter a cama preparada pro cliente deitar, e não a forma como você ia fazer a cama. Então, naquela época eu já conseguia colocar essas coisas pra ela e então eu penso que existia um pouco de respeito em relação á minha pessoa.

E.: Na realidade você a enfrentava de alguma forma.

C.: Exatamente. Quer dizer é, apesar da minha pouca idade eu conseguia, as outras não. As outras ficavam longe, recalçadas lá, retraídas. Eu não. Eu sempre estava na frente. Então aí o quê que acontecia: ela me chamava sempre para fazer as coisas. Era sempre Carmelita que estava na frente das coisas para fazer junto com ela, né?, e isso eu acho que foi assim, gerando essa amizade, apesar de também de colocar que tinham determinadas coisas que as pessoas ouviam em relação a ela, né?, que ela não aceitou muito bem, de eu ter sido convidada pra ser a madrinha da turma em 1960. Então eu coloco alguma coisa no discurso espezinhando. Tanto que ela falou assim, que ela me falou assim: “não foi você que fez esse discurso. Quem fez esse discurso foi Izaltina.” Eu disse não, fui eu que fiz.

E.: (riso).

C.: (inaudível) a ver com a dona Izaltina, né? Então, é, eu acredito que foi isso. Eu, naquela época eu tinha, apesar da minha idade e, e estar muito pouco tempo na Escola de Enfermagem, eu conseguia colocar as coisas pra ela analisar, que eu achava que não era isso. Então ela começava a colocar as coisas nesse nível e, e eu acho que isso contribuiu. Eu acho, né? Minha impressão, não sei se é real, né? E, então, onde é que eu parei? O quê que eu estava falando?

E.: Você estava dizendo das próprias pessoas que tinham entrado nesse período e você falou na última que é da Semana de Enfermagem.

C.: A irmã Cecília.

E.: Você estava contando das pessoas que tinham entrado.

C.: Isso, é. Então eu acho a irmã Cecília, esse pessoal, mais a Aparecida, a Vitória e, a Dilza (barulho de alguém tossindo) e a Solange, elas fizeram um trabalho realmente, com esse pessoal. Mas o trabalho delas era tão rico que a, começou a vir gente do Brasil inteiro, enfermeiras para vir fazer especialização aqui. Elas criaram a especialização. Infelizmente não tem nenhum documento na Escola que existia um curso de especialização na Escola de Enfermagem.

E.: Especialização em quê?

C.: Obstetrícia. Em obstetrícia. E o curso funcionou três anos, tá? Eu não, eu acho que seria interessante até que vocês olhassem, porque o curso funcionou. Tem gente com título. A Escola deu o título.

V.: Era reconhecido?

C.: Era reconhecido o curso, não é?

E.: Que época foi isso?

C.: Foi em 57, 58, 59; por aí.

V.: Antes de você se formar?

C.: Antes de eu me formar, tá? Antes de eu me formar. Mas aí continuou, não é? Elas é, com essa casa. É, elas inclusive, pelas dificuldades financeiras, a Faculdade de Medicina não liberava verbas. O que elas faziam: elas iam pras portas das igrejas pedir dinheiro. Iam pra porta de cemitério nessas épocas de finados, né?, angariar recursos pra casa delas, não é?

E.: Você por acaso lembra de alguém que possa ter título, é, é, é feito esse curso, alguma amiga.

C.: A Dilza de Brito Guimarães, a Solange, enfermeiras do Hospital das Clínicas, a Elza Lanza. E a Elza Lanza além de ter feito o curso, ela foi professora, não é? Até encontrei com a Elza Lanza há poucos dias ali, né?, saindo do Banco [do Brasil Agência Saúde]. Eu estava entrando no banco e ela também. E, a irmã Cecília também era uma das pessoas que dirigia é, deixa eu ver se eu me lembro de mais alguém, (inaudível) fez mas morreu, né?, faleceu. Então que eu me lembro é esse pessoal. Se eu me lembrar de mais alguém, aí eu passo pra vocês.

E.: Tinha, esse curso tinha um corpo teórico e prático, ou era essencialmente prático?

C.: Um corpo teórico e um corpo prático, sabe? Era um curso assim. Elas trouxeram um modelo da Madre Domineuc. Vocês já ouviram falar da Madre Domineuc, a enfermeira da, da, lá da Escola Paulista de Medicina, e hoje ainda existe o amparo maternal lá. Não sei se vocês conhecem, porque hoje existe lá. Porque eu fiz estágio lá e inclusive quando eu fiz Saúde Pública, eu fiz estágio de dois meses lá, como parte do curso de Enfermagem de Saúde Pública e nós éramos obrigado a fazer quinze partos, tá? Lá eu aprendi fazer parto. E o professor Aldo Guimarães que era um dos coordenadores, não é?, do curso lá em São Paulo. A Madre Domineuc e tinha uma outra freira que eu não me lembro o nome mas, tinha a Áurea que era diretora naquela época, sabe? Já, aí eu fiz uma boa aproximação quando eu fiz especialização em Saúde Pública, eu tive mais aproximação com o pessoal da Escola Paulista de Medicina do que com o pessoal de enfermagem da, da USP, sabe? Então elas tentavam reproduzir aqui o mesmo modelo que elas tiveram lá, né?, com a, com a Madre Domineuc. E foi um trabalho assim, muito rico. E dentro da pergunta que você fez, os médicos da obstetrícia, eles tinham, tinham um carinho especial por esse curso, tanto que todos os professores obstetras daquela época, eles davam a parte teórica, não é? Na parte, ligada a parte é, de propedêutica, e as enfermeiras davam a parte de enfermagem e acompanhavam no campo. Elas usavam até o hospital Militar também, como campo de trabalho naquela época. Era o Hospital das Clínicas, Santa Casa de Misericórdia e Hospital Militar, não é?, que elas usavam como campo de prática.

V.: Você lembra até quando que durou essa casa?

C.: Uns três anos. Durante uns três anos que durava o curso, porque era campo de prática, inclusive pras alunas.

V.: Terminado o curso, fechou a casa?

C.: Fechou a casa porque não teve recurso.

V.: Não tinha recurso financeiro.

C.: Não tinha recurso financeiro. Se eles tivessem recurso financeiro, a Vitória, Aparecida e Iole, elas continuariam com essa atividade, porque elas gostavam, sabe?

V.: A Aparecida pode contar essa história bem pra gente.

C.: É, pode. A Aparecida Freire, não é? E a Vitória e Yole depois tiveram que ser afastadas da obstetrícia e ir pra outros campos, porque a Escola exigiu isso, né? E elas saíram, né?, foram pra outros campos. É, então em 62, quando mudamos pra aqui, né?, a Escola de Enfermagem ela, quando nós mudamos pra aqui, o prédio ainda estava é, incompleto. Só três andares é que estavam funcionando. Mesmo assim nós viemos. No quarto andar funcionava a, Internato, a, as alunas dormiam no terceiro e no quarto andar. O, o, o térreo ainda não funcionava. Então era o segundo, terceiro e quarto, não é? Então no segundo, a secretaria e toda a parte administrativa. No terceiro andar é, toda a parte ligada a, a refeição..., a era restaurante da medi..., das alunas, não é?, e o quarto andar era dormitório.

E.: Em 58 foi interrompido a construção dessa Escola. Teve um, motivo assim que...você saiba porque que interromperam?

C.: Ó, o problema da interrupção foi o seguinte Estelina, porque quando a, a Escola ganhou esse terreno que engloba essa parte onde está construído aqui e essa parte de trás foi doada pro Hemominas [Banco de Sangue do Estado de Minas Gerais] era nossa, era da Escola de Enfermagem. Tanto é que tinha um documento e esse documento desapareceu, não é? E foi interrompido porque nós queríamos que construísse atrás o auditório da Escola de Enfermagem, sabe? Então seria uma área grande, e a Faculdade de Medicina alegou que não tinha dinheiro pra fazer e tinha dinheiro, porque eles recebiam uma verba muito grande pra Escola de Enfermagem. Só que vinha no nome da da Faculdade de Medicina, tá? Então, com isso ficou parado. O professor é da época, eu não me lembro o nome do engenheiro que estava construindo,

ele preferiu parar porque tinha que fazer o projeto complementando esse prédio aqui com o auditório que seria construído lá. Depois a, foi doado aí pro Hemominas, né? Então ficou parado esse tempo. Foi quando se começou o trabalho novamente pra construção. E a irmã Emília teve um papel muito grande nessa construção desse prédio, sabe? Apesar dos pesares, foi ela que ficou de cima do professor Versiani Caldeira pra terminar a construção da Escola, sabe? Ela fez um trabalho nesse sentido. Pelo menos, se a Escola tem esse prédio aqui, em parte deve á irmã Emília Clarízia. Eu acho que isso a gente tem que, a, a, fazer menção, não é? A gente não pode deixar só as coisas negativas. E cair encima da pessoa (risos). Mas ela fez um trabalho muito bonito, sabe?, a, a irmã Emília. E além disso, a religião naquela época tinha um, os médicos tinham um respeito, sabe? Chegava uma freira lá para ser recebida pelo diretor, é diferente de chegar uma professora da Escola. É que ela tinha uma indumentária que automaticamente a colocava numa situação de privilégio, não é? Ela era muito bem atendida. Então em 62 mudamos pra cá, não é? As alunas, inclusive essa área toda ali na frente era mato, e a gente tinha uma preocupação muito grande, porque sempre tinha tarado aí. Era tarado aí na frente e tarado aqui atrás (risos). (Inaudível) de muito mato, né?, e aí eles escondiam, e aí a gente tinha aquela preocupação grande das alunas não serem atacadas.

E.: E chegou a, a isso? Chegaram a atacar alguém naquela época?

C.: Não chegou a atacar, mas chegou a mostrar os órgãos genitais. Até nós estávamos discutindo na, na aula de saúde mental que tivemos na quarta-feira a, eu me lembrei até do fato, porque aconteceu comigo também, sabe? Só que eu tive a, como eu estava correndo pra ir pra aula de, de, porque eu estava fazendo psicologia na época, né?, na hora que o indivíduo aproximou de mim e falou e começou a mostrar os órgãos genitais eu falei pra ele: “Você não tem vergonha não! Você tá muito velho pra fazer isso!”, né? Aí ele saiu correndo. Só que as alunas não tinham, não tinha, essas condições. As vezes elas saíam gritando, correndo, porque as pessoas com esse distúrbio, automaticamente elas aproveitam que as pessoas se descontrolam, não é? Então isso acontecia e a gente ficava preocupada, sabe? E, não tinha vigia, não tinha nada, sabe? Quem tomava conta da portaria, ou era uma aluna mais antiga, ou então a própria diretora que ficava na portaria tomando conta.

V.: Que era a irmã Emília na época.

C.: Na época a irmã Emília. Aí ou era ela, ou era eu, ou então alunas, não é?

V.: Hum, hum.

C.: E a gente dividia. É, em 1960 e, 63, 62, né?, acho que... Mudamos pra cá, não é? Aí nós começamos a ver o problema. Acho que teve reforma do currículo em 62.

V.: Certo.

C.: Foi a partir daí que começou a desviar o pessoal. Um vai pra técnica, e aí as irmãs não queriam mais assumir, não é?, porque saíam do, a, a única freira que tinha aqui era a diretora da Escola de Enfermagem. As outras pessoas que davam técnica, que davam é, Enfermagem Médica, elas não quiseram mais dar, porque elas não eram contratadas como professoras, tá? Elas apenas recebiam uma refeição, recebiam a moradia, não é? Então elas não quiseram mais dar a disciplina e nós tivemos que fazer um remodelamento dos professores, não é? Foi com, aí que a Vitória saiu, a dona Izaltina foi pra Enfermagem Médica, porque ela dava só duas disciplinas, não é? Ela foi pra Enfermagem Médica e, a Luzia [da Silva] foi pra Técnica de Enfermagem, a Gercy [Kelles Vieira] também, porque ela formou e tinha começado a entrar. A Gercy parece que se formou em 64, se não me engano. Quando ela entrou pra Escola de Enfermagem. A dona Daura passou a dar drogas e soluções, ataduras, que naquela época tinha um valor muito grande, e a gente aprendia a passar as ataduras, né? A dona Maria do Rosário [Barros] dava massagem e ortopedia, né?, a dona Maria do Rosário faleceu. E, com isso eu acho que naquela época eu, eu não sei, nós tínhamos um contexto em termos de ensino muito maior do que hoje, tá? É, era muito mais é, a, a formação do enfermeiro naquela época; eu não sei se era porque a gente tinha uma preocupação de querer mostrar pro médico que a gente sabia e que era capaz de discutir com ele a qualquer momento, apesar da gente ter aquela formação: o médico chegou, você tem que levantar da cadeira, né?, porque isso era uma coisa muito comum, você não podia ficar. O médico chegou, você levantava da cadeira, isso era uma coisa passada na própria escola.

V.: Mesmo, mesmo o enfermeiro?

C.: Mesmo o enfermeiro.

E.: Mesmo o professor?

C.: Mesmo o professor, tá? Chegou o médico, você tinha que se lê..., a, cê tinha que se levantar e ceder a cadeira, né? Era uma coisa que é, a gente não concordava mais, né? Tinha que obedecer ...

E.: Era o, era algo estabelecido sem ser escrito.?

C.: Sem ser escrito. Era só colocado na sala de aula.

E.: Ah!, na sala de aula também?

C.: É, era colocado.

E.: Ah!

C.: Era colocado, não é? Daí, quando eu coloquei pra elas o problema da Cláudia, também envolveu isso. Por que a Cláudia, ela rejeitou levantar da cadeira e ceder a cadeira pro médico. Foi quando surgiu um processo administrativo contra a Cláudia, né? E, aí é que eu tirei, né?, na época da Cláudia eu retirei o processo. Eu até já contei pra vocês. Que eu achava, tinha coisa que eu não concor..., que eu não concordava, estava dentro de um contexto e eu era obrigada a seguir, não é?, naquela época. Em 62 também, nós tivemos, em 61 a reforma do currículo, né?

[Voz inaudível no fundo].

E.: E, em função é, é, não sei se você já chegou a falar um pouco pra elas. É, é, a história da expulsão da Maria da Purificação e da Maria das Dores? Lembra-se de alguma coisa?

C.: Ah!, me lembro. Deixa eu ver se eu lembro. Foi que ano?

E.: Foi em 1960...

C.: Sessenta e dois?

E.: Sessenta e um, por aí.

C.: Foi com a Emília, né? Na época foi com a Emília, que você colocou. As duas, elas... As duas, tanto a Maria da Purificação, quanto a, a outra, a irmã dela, né? Ela era pessoas que não admitiam muita rigidez, tá? E o que eu coloquei pra vocês, a irmã Emília era caracteristicamente rígida. Ela não aceitava determinadas coisas, né?, situações. Eu não me lembro o fato no momento porque elas se rebelaram, o quê que foi. Sinceramente eu não estou... Talvez até elas, seria bom que vocês entrevistassem



as duas, né? Eu não me lembro fatos. Agora eu não me lembro. Eu sei que as duas foram colocadas lá, mas depois elas retornaram, né?

V.: A Maria das Dores se formou?

C.: Tá, eu não sei em que ano foi. Todas duas. Porque teve umas que foram expulsas antes, não sei se alguém colocou pra vocês. As que foram pra Juiz de Fora.

V.: Não, dessa história não sabemos.

C.: É. Foi no ano da Virgínia Pinheiro. Se vocês conseguissem a Virgínia Pinheiro, seria uma boa. Não sei se ela ainda é viva.

V.: Não encontramos.

C.: Não!?

V.: Na época da Semana Brasileira de Enfermagem. Mas o quê que você se lembra dessa história?

C.: Foi exatamente dentro dess..., nessa época, é, eu não me lem... Não era a dire..., a diretora era uma leiga, não sei se, naquela época de transição, dona Rosa, uma coisa assim, né? E, as alunas não aceitavam determinadas situações que eram impostas pra elas, em termos inclusive de trabalho, de ter que, passar a noite no hospital. Manter o Hospital das Clínicas, que a gente tinha uma revolta nessa direção, sabe? Mas eu acho que se vocês encontrarem a Virgínia Pinheiro, ela vai colocar muita...

V.: Ou a Purí.[ Maria da Purificação]

C.: Ou a Purí, né? Mas a Purí tá por aí, elas todas, elas estão formadas!, né?

V.: A Purí mora lá em Santa Efigênia. [bairro de Belo Horizonte]

C.: Então! Acho que seria uma boa vocês entrevistarem a Purí, que aí elas colocam o mais certo o quê que aconteceu, tá? É, vocês vão falar com ela dessas coisas, porque pode ser que ela num, se me lembrar eu coloco, né?, em todos os casos...

E.: É, é, tem um outro, um outro dado aqui também, que é a questão da, da criação do DAMAR[Diretório Acadêmico Marina de Andrade Resende]. Ele foi criado em 62. Ele já existia antes. Como que foi recebido, esse processo, nessa época?

C.: Ah!, já existia! Inclusive já, já existia o DAMAR na época da Silvana Del Carrillo, você tem a... Vocês já entrevistaram a Silvana Del Carrillo?

V.: Não, ainda não.

C.: Ainda não, né? A Silvana Del Carrilo inclusive foi uma das primeiras presidentes.[em 1965] Aliás, o DAMAR foi depois. O Diretório Acadêmico, o DAMAR foi bem depois, tá?

E.: Hum.

C.: O DAMAR foi de 66 a 67. Depois da morte da Marina Resende. A Marina Resende morreu em 65. O DAMAR surgiu depois, mas já existia o diretório. Existia o Diretório Acadêmico, existia a presidente do Diretório Acadêmico, e uma das pessoas mais atuantes do Diretório Acadêmico era a Silvana Del Carrilo.

E.: Mas isso já deve ter sido posterior a 62, não?

C.: Não, a Silvana... Deixe-me ver...

V.: A Silvana deve ser da Ana Lúcia, né [Magela de Rezende, formada em 1964; Silvana formou-se em 1968]

C.: Da Ana Lúcia. Foi antes, né?

V.: Sessenta e... Sessenta e quatro.

C.: Silvana e Ana Lúcia. É dessa época. Foi dessa época, mais ou menos. Eu acho que o Diretório surgiu depois de 65, tá?, Isso eu tenho certeza. Foi depois que a Marina Resende morreu.

V.: Já que nós estamos falando da, do DAMAR, usando o nome da Marina, né? Por quê que, que... Por quê que levou o nome da Marina?

C.: Da Marina.

V.: Ela tinha um relacionamento mais próximo assim, dos alunos, da Escola?

C.: Eu achei tão engraça...

V.: Por que ela ficou pouco tempo na Escola, né?

C.: Foi. Ela, a Marina, ficou muito pouco tempo, por que realmente ela não combinou com o pessoal da Escola de Enfermagem, né?

V.: Hum.

C.: Questão assim, não aceitaram. Quem vinha da Sorbonne com uma formação, porque na época a Sorbonne, não ia aceitar as coisas...

V.: Ela fez pós-graduação na Sorbonne, né? Ela formou nos Estados Unidos.

C.: É, exato. Aconteceu o seguinte. Porque em 1963, a Marina Resende foi num Congresso de Enfermagem no Ceará. Ela teve uma crise de, problema abdominal e

ninguém sabia o quê que era, né? Lá ela foi internada e fizeram os exames, mas não acharam nada. E ela voltou, ela trabalhava no SESP no Rio [de Janeiro] nessa época, tá? Ela voltou pro Rio e depois ela foi num congresso é, na Europa, eu não me lembro qual foi a cidade, eu não sei se foi Copenhague. Eu acho que foi em Copenhague que ela foi num congresso, que ela foi. E aí ela teve a mesma crise lá, tá?

E.: Em sessenta e..., três.

C.: Depois que ela voltou, ela veio a Belo Horizonte. E ela foi com, o único médico que ela confiava era o João Resende, que era tio dela, não é? É, ele examinou. Fez uma peritoneoscopia e constatou que ela estava com um câncer de ovário, tá? Então, a partir daí ela veio para Belo Horizonte e não saiu mais de Belo Horizonte. Ela foi operada aqui, no Hospital da Cruz Vermelha. O João Resende tinha a clínica dele no terceiro andar da Cruz Vermelha. Então ela foi operada lá, sabe? E, eu passei inclusive a noite do pós-operatório, apesar de enfermeira de Saúde Pública, quem fez o pós-operatório fui eu. É engraçado, né? Por isso que eu falo: naquela época a gente...

V.: Fazia de tudo, né?

E.: É. Ainda tinha que saber um pouquinho da cada coisa, né? Eu passei a noite com ela, participei de todo o pós-operatório dela, e ela inclusive... Ele fez a cirurgia, retirou o ovário, né? E ela começou a pass..., passou a ser cuidada aqui. Ela fez uma primeira cirurgia. Depois ela recuperou. Todo mundo achou que ela não tinha nada, que os médicos se enganaram, né? Até o próprio João Resende achou que tinha enganado o diagnóstico. Abriu pela segunda vez e foi constar, mas na hora que abriu já estava com metástase, né? E a partir daí não mais fechou a cirurgia dela. Fazia Cobalto[terapia] na Santa Casa. E ela ficou internada muito tempo no Hospital das Clínicas. Ficou dois anos internada no Hospital das Clínicas. E a gente acompanhando, dando assistência e ela inclusive, tinha exigência de várias pessoas que ela não gostaria de estar com ela, né? As escolas colocavam alunas pra ficar, mas ela não que..., ela não queria. Ela queria que ficasse uma enfermeira. E ela tinha razão, não é? Por que, ela teve uma experiência não muito agradável com uma, uma, enfermeira recém formada (limpando a garganta). Norma, eu não me lembro do sobrenome dela. Ela era formada na Santa Casa. Ela tinha um problema de surdez, tá?

## [FINAL FITA 2 LADO A]

### FITA 2 LADO B

C.: A Escola incorporou a assistência da Marina Rezende, aí a Escola se envolveu com a Marina Rezende, tá? Acompanhando, né? E ela morreu em julho de 1965 e logo depois é, o, o pessoal achou que seria a melhor forma de prestar uma homenagem a ela, né?, pelo sofrimento, pelo que ela fez pela enfermagem. Porque ela teve uma participação muito grande na enfermagem, né? (inaudível). Então foi por isso que elas deram o nome é, sabe? Porque ela passou dois anos aqui e a gente conviveu, a gente viveu a pro..., a problemática lá. Daí eles mudaram o nome, deram o nome de diretório é, Marina de Andrade Resende.

V.: Já estive, teve um papel muito mais importante no, no final da vida do que enquanto ela foi docente.

C.: Do quê... Exato.

V.: E foi um período pequeno.

C.: Muito curto. Não é? Quer dizer que ela pôs... Inclusive a Marina esteve aqui na mesma época da, da Virgínia Pinheiro, foi quando ela saiu pra Juiz de Fora. Na mesma época dessa..., essa revolução toda, um grupo foi pra Juiz de Fora e a Marina foi transferida para o Rio de Janeiro [em 1955].

V.: Você acha que ela interferiu na saída dessas alunas daqui?

C.: Eu não tenho certeza viu Valda. Mas eu tenho impressão que o problema foi diretamente a mesma coisa. Foi o que empolgou a Marina e mais esse grupo de alunas que foi pra Juiz de Fora. Tem mais gente, eu não sei quem...

E.: Isso, isso foi com a transferência, uma, uma...

C.: Foi como transferência. Ela foi pra lá transferida, tá? E tem, tem mais gente, eu não me lembro, é eu não sei se a Maria José Carneiro também foi da mesma época. Maria José... É, vocês conhecem a Maria José Carneiro?

V.: Não.

C.: Eu tenho a impressão que a Maria José Carneiro foi na mesma época, tanto que a Maria José Carneiro a partir dessa época, ela ficou meia perturbada que até hoje ela

tem problema, apresenta problema psíquico muito sério, sabe? Apesar dela ter se casado duas vezes, mas ela continua com problema muito sério. Então a, a, onde é que nós paramos aí, [antes de falar da] Marina Resende?

V.: É. É, nós estávamos na década de 60.

C.: Sessenta e dois.

V.: Década de 62 com a mudança do ensino que interferiu na, na vida dos docentes, especialmente, né? E também com essa...

C.: É, e foi muito, muito chocante pra nós, quando abriu a, a inscrição pro vestibular, não é?, com a, no primeiro ano de curso superior, chegaram três alunas só. Luzia Silva, Maria Noemi Ferreira Ribeiro e, Inês não sei o sobrenome dela, né? [Lemos da Fonseca], Foram essas três alunas. Aí a gente ficou naquela situação meia desagradável porque nós tínhamos nessa época mais gente como professor não é? Com três alunas, como é que podia justificar, não é?, com essas três alunas. E, e o pessoal docente não estava preparado pra enfrentar curso superior, porque todo mundo, é todos os professores tinha só o curso de enfermagem, não é. Então foi a partir daí que o pessoal começou a sentir a necessidade de sair pra fazer um curso de especialização, não é? Nós tínhamos o pessoal da obstetrícia que estava numa situação boa, tinha até especialização, e eu estava com saúde pública, né? E o outro pessoal que ainda não tinha saído pra fazer curso. E aí foi uma parceria e começou a sair o pessoal, não é? E foi aumentando, não é?, os, os anos seguintes teve um maior número de candidatos, né?, e a seleção era feita aqui mesmo. Nós é que fazíamos a seleção, na Escola de Enfermagem. Não era vestibular não.

E.: Não se lembra dessa... Você participou dessa primeira seleção?

C.: Participei.

E.: Tinha muita concorrência entre os candidatos?

C.: Não. Não tinha muitos candidatos. Eu, eu tenho impressão Estelina, que foram apenas seis candidatas que chegaram. Foram seis candidatas e nós selecionamos três.

E.: Ah, não foi só a seleção.

C.: Não, sabe? Eu acredito que se a gente tivesse colocado as seis, ia ficar assim, muito ruim, porque... bom, pra Escola de Enfermagem. Por que a gente estava começando um curso superior e não, não haver, e não havendo seleção ia ser ruim, né? Então nós

tivemos que fazer isso, aquelas que foram classificadas foram as três, e as três permaneceram, não é? A, as três alunas [formadas em dezembro de 1964]. E a partir daí o número começou a crescer, não é?, a participação de... mais alunos.

E.: Você se lembra que tipo de seleção vocês fizeram?

C.: Nós, nós fazíamos seleção é, elas davam a prova de português e a gente não fazia assim, somente a Escola de Enfermagem; nós tínhamos a participação de um sociólogo, que era o professor..., eu vou te dar o nome, vou lembrar o nome dele. Inclusive ele fez, na desanexação da Escola de Enfermagem. Ele era advogado e era filósofo. Então ele deu essa parte aqui pra nós, não é? Nós tínhamos uma professora que era é, psicóloga dona Irene. Não sei se ela é viva ainda. Ela deu assim, uma cobertura muito grande pra gente. Então ela (inaudível) (limpando a garganta), português, física, química é, história. Não teve muita coisa assim, porque não era interessante fazer uma prova muito extensa, sabe? E tinha é, o teste psicológico. O teste psicológico era que eliminava muita gente na Escola de Enfermagem, não é?

E.: E você se lembra o quê que nesse teste psicológico era mais buscado?

C.: Era só a personalidade. É, agora você vê!

E.: Que tipo de personalidade que era aceita?

C.: Eles faziam o teste de “Hoscher”, né?, naquela época, nos alunos e, como a gente recebia o resultado da psicóloga a gente não questionava, sabe? Então a psicóloga é que colocava lá: “fulano de tal tá apto, fulano de tal tá apto, fulano de tal não está apto”, e a gente acatava a seleção do psicólogo, não é? Foi um dos erros nossos, a gente não estava preparado, não é Estelina. Mas a gente estava começando uma nova vida, inclusive tateando, sem saber. E então a gente aceitava muita contribuição de fora, sabe? E os professores também da Medicina a, colaboravam nas provas também. O professor de, de química, de física, é o professor Vinícius, que hoje inclusive eu que, eu tive uma aula com ele na semana passada, fiquei assim muito triste porque o indivíduo foi um grande pesquisador, hoje ele já tá numa idade bem avançada, dando aula pra, pros alunos da Faculdade de Medicina, né?, que ele tá dando é farmacologia. Não sei porque que ele tá na área de farmacologia, e com a maior dificuldade, inclusive até em, é, erro de cálculo lá na aula. Os alunos questionam: “professor, isso não tá certo!” E aquilo eu fiquei assim, numa situação bem desagradável porque foi

uma pessoa que teve um destaque muito grande na Faculdade de Medicina. E hoje ele está no ICB[Instituto de Ciências Biológicas] dando farmacologia. Eu não sei porque, e ele era bioquímico naquela época, não é? Então a gente tinha uma contribuição dos professores. A gente tinha assim, uma vida muito próxima dos professores da Faculdade de Medicina, sabe? Eles conviviam com a gente, tanto que um dos professores que mais se aproximou e permaneceu até hoje foi o Philadelpho [Benedictus, de Siqueira], né?, o Philadelpho continuou, deu apoio, não é? Nós tínhamos o Philadelpho, nós tínhamos o Paiva que deu, que deu um apoio muito grande. Nós tínhamos o, o Clóvis Boechat, que morreu né? Nós tínhamos o, o Luiz, eu não me lembro o sobrenome dele agora [Andrés]. E tínhamos uma pessoa também, da Estatística, que dava Estatística, era a, a, até aposentou na Faculdade de Medicina. Como é que é o nome dela?

V.: Conceição?

C.: Não. Ela é estatística mesmo. Não, tem o curso de, de matemática, não é? E seria também uma pessoa pra vocês entrevistarem. Estou tentando lembrar o nome dela, porque ela acompanhou muito de perto a Escola nessa época, sabe? Estou tentando lembrar o nome dela.

E.: Ah, eu me lembro! Era uma morena?

C.: Isso, uma morena.

E.: Ela foi minha professora. Lembra dela? (risos)

C.: Só não está vindo o nome na cabeça, né?

V.: Lígia, Lígia?

C.: Não. Não, é Lídia

V.: Lígia?

C.: Lídia. É. Lídia. Então essa é que é a professora.

V.: Lídia da Estatística.

C.: É. E uma outra, uma outra pessoa também que deu muito apoio pra Escola de Enfermagem foi o professor José Pinto Machado. Também foi uma pessoa que, poderia dar uma contribuição até na História Oral aí pra vocês dentro da Faculdade, porque ele deu uma participação muito grande, não é?, na Escola de Enfermagem. É..., 63, foi isso aí né?, a continuação do currículo, não é?, do desenvolvimento do

currículo e essa dispersão dos professores, cada um pra uma, para uma área que fosse necessário. Não tinha que falar assim..., inclusive era em, imposto no início a gente impunha assim: “você tem que ir pra tal lugar assim, agora você tem que ir pra tal lugar”. Se a pessoa não estava preparada é, ficava, e isso aumentou muito mais a rixa da irmã Emília [Clarízia] com o pessoal, com os professores, não é?

V.: Esse fato dessa, de imposição de, de área para os docentes. Em relação aos docentes,...teve algum, algum problema maior..., com os docentes, com os alunos, ou entre eles mesmos, porque tinham que ir para uma área que as vezes não, não tinham maior domínio?

C.: Tinha. Os alunos reclamavam, viu Valda. Mas a situação, eles questionavam mas tinha que ser assim, não tinha outro jeito, sabe? E aí depois os alunos, parece que eles naquela época eles, eles tinham medo. Não é igual ao aluno de hoje que questiona, exige, não é? Não, o aluno colocava o problema, o professor colo..., se colocava pro aluno e ele aceitava, né?, simplesmente aceitava, tá? Não tinha assim, um questionamento muito grande. As vezes eles falavam, ou do professor X, ou Y, e a gente ficava numa situação: “como é que a gente vai conseguir outro professor”?, não é? Dentro da, na, na parte da Clínica Médica que só tinha a dona Izaltina. Depois é que entrou a Dôra, é Rizoneide [Maria, Negreiros de Araújo] não é?, a Marilda [da Silva Pereira], que aí engrossou a enfermagem médica. Só depois que elas se formaram.

V.: Bem mais tarde.

C.: Bem mais tarde, né? Mas no começo não, era só a dona Izaltina e a Noemi. É Clínica Médica. Por que eu esqueci da dona Izaltina, era uma pessoa que já estava com, trinta e tantos anos já na Escola de Enfermagem, então... Tinha que aceitar o que tinha naquela época não é? Em 64, eu acho que foi em 64 que entrou mais gente na Escola de Enfermagem, como professor.

V.: Só voltando um pouquinho em 63. A, a história da Delba Nepomuceno, você se lembra? Dessa aluna que teve um problema.

C.: Ah, da Delba eu me lembro.

V.: Então vamos contar a história dela?

C.: Deixa eu ver. Como é que foi? Deixa eu ver se eu me lembro da história dela, da Delba.



V.: Ela recebeu uma suspensão de noventa dias, desacatou uma docente, a diretoria, faltou a um plantão; alguma coisa assim.

E.: Deixa eu ver se eu me lembro, e entrou com recurso, né?

V.: Sim.

C.: Entrou com recurso e ganhou, não é? Ganhou. Entrou com recurso e ganhou a Delba.

V.: Ganhou.

C.: Deixa me ver também se ela...

V.: Que falta é essa que ela fez?

C.: Ô, ô, ô Valda, naquela época, não precisava falta grave não. Se você faltasse um plantão, quê... Como o curso era dado é, corrido, contínuo, você não tinha seus, férias como o pessoal hoje tem. Então é o que eu falei com você, eu me formei em janeiro, enquanto outras de minha turma se formaram em maio em junho, não é? Por quê: eu não saía pra férias, não é?, eu ficava, as vezes precisava dar dois, três plantões seguidos, não é?, e, e o aluno depois de uma certa época, o aluno não aceitava mais dar dois, três plantões. Ficar três noites sem dormir, não é? Bom, então saía de um plantão a noite e depois tem que acordar pra ir pra aula a uma hora da tarde. Então o aluno se revoltava. Eu não me lembro também do fato da, da, do quê que ocorreu não, sabe?

V.: Hum, hum.

C.: Você já, já teve contato com ela? Não?, com a Delba?

V.: Não.

C.: Seria bom.

V.: Ela está em Brasília.

C.: Ela está em Brasília? Mas se ela aparecer por aqui eu acho que seria uma boa, tá? Eu não me recordo não, dos fatos. Eu só sei que ela foi expulsa.

V.: É, do internato. Foi suspensa. Foi suspensa do internato.

C.: Do internato, é.

V.: E o que será, como é que ela conseguiu viver lá de fora se ela estava no internato? Você tem notícia? Como é que os alunos reagiram? O corpo docente em relação a isso?

C.: A reação foi terrível, não é? Naquela época uma das pessoas que mais reagiram foi a dona Daura (risos). A dona Daura era lá aquela pessoa que, ela não, não se manifestava no momento que era preciso, mas por trás ela arrasava, não é? Ela

colocava a irmã Emília lá em baixo, as outras pessoas que participaram, né? Inclusive, eu não sei, eu posso até ter tido participação nesse negócio, né? Tem muita coisa que eu não me lembro, de determinadas coisas que eu, que eu... Outro dia eu estava conversando com a Luzia [da Silva] e aí ela virou pra mim e falou: “você se lembra, que na época que era pra eu passar para professora assistente e as professoras ficaram entre eu, você e a dona Izaltina?” Eu disse, eu não me lembro. Tem determinadas coisas que a gente não lembra, sabe?

E.: É, é.

C.: Por isso que dentro da própria Universidade, a gente faz determinadas coisas que depois a gente não se lembra, tá? Mas eu não me lembro dos fatos até hoje. Eu sei que o quê que aconteceu, mas eu não me lembro. Por que, se você não conseguir a, a Delba, tem a Eva.

V.: Hum, Eva...

C.: Foi (inaudível) da mesma época, da turma dela. A Eva, você fala, ela lhe dá todos esses dados.

V.: Hum, hum.

C.: E a Eva está em Belo Horizonte.

E.: E a Eva está em Belo Horizonte?

C.: Está. Eu não sei o sobrenome dela, mas você olha se tem o sobrenome dela, [Eva dos Santos, formada em 1963] depois a gente pode tentar um contato. A Eva aí narraria pra vocês, porque a Eva era uma pessoa que convivia com a Delba. E ela vai contar pra vocês com detalhes o quê que aconteceu, sabe? E quem sabe ela contando, até depois eu rememoro e a gente possa complementar, alguma coisa, sabe?

E.: Então você já ia passar pra 64.

C.: Sessenta e quatro, 62 ela até acabou.

V.: Nessa época de 63 já não estava havendo uma solicitação de, de... desanexação da Escola de Enfermagem? Parece que a ABEn/MG [Associação Brasileira de Enfermagem] solicitou ao reitor uma, encaminhou uma moção...?

C.: Porque desde quando, desde quando o curso passou a ser superior, o trabalho começou no sentido, não se justificava uma unidade autônoma, não é?, dentro de uma outra unidade. Então o trabalho já começou a partir do momento em que houve a

modificação do currículo, sabe? Quando foi implantado em sessenta e, e dois o novo currículo. A gente já pleiteava isso. O trabalho começou aí, não é? Não só das professoras, alunos, a própria ABEn, não é?, começou a fazer esse trabalho. Mas sem muita repercussão, sabe? Por quê a gente não tinha muito, você não sentava na congregação, lá da Faculdade de Medicina.

E.: Não tinha um representante não?

C.: Não tinha. Eles não admitiam. Porque, automaticamente se tivesse um representante lá dentro, iria tomar conhecimento e tudo aquilo que era da Escola de Enfermagem e que ela não recebia. Porque no caso aí, pelo menos os diretores deveriam tomar assento lá na congregação e não tinha assento, tá? A gente se reunia aqui, fazia as nossas reuniões e uma congregação..., nós tínhamos uma congregação nessa época, né? Mas uma congregação que...

E.: Não era decisória.

C.: ...tomava decisões só dentro, só pra Escola, pras coisas ligadas à Enfermagem, não é? Ligado a, a financiamento, dinheiro, essas coisas não tinha nada. A gente não tinha decisão nenhuma. Só recebíamos, não é? A gente solicitava a isso, vinha. Solicitava aquilo, vinha. Então a gente não tinha decisão, ne..., nesse nível. A não ser relacionado com o campo de prática, essas coisas tudo. Muito documento saía da Escola de Enfermagem e ia ser assinado pelo diretor da Faculdade de Medicina antes dele sair, tá? E o movimento começou aí mas não teve assim, muito eco, não é? Agora em 64, aí parece que a situação melhorou mais e nós tivemos a admissão de outras professoras na Escola de Enfermagem, nós tivemos a Alaíde Esteves, tivemos a Terezinha Cardoso. É, depois entrou, a Luzia terminou em 64, foi, não é? Ela já entrou, a Luzia. Entrou a Noemi, através da Escola de Enfermagem. Entrou a Inês, não é? Então, as três que se formaram em curso superior nós colocamos na Escola de Enfermagem. É, assim, como uma forma de falar assim: “ó, tá saindo gente do curso superior, então vai ajudar a gente, não é? (barulho, tossindo). Que não, ainda não tinha aquela formação é, necessária pra dar, inclusive entender do processo que elas passaram, porque foi uma, um grupo assim, que, vocês devem entrevistar a Luzia, a Noemi. A Inês já morreu, não é? Por que elas, elas vão colocar muita coisa. Elas pleiteavam, mas a gente não tinha nada pra dar, sabe? E a primeira turma com curso superior sofre muito isso em, sempre

em qualquer situação quando você é a primeira você sofre das deficiências até melhorar, não é?

E.: Foram só as três até o final.

C.: Até o final, né? Até o final, inclusive quando a Noemi foi convidada ela rejeitou, ela não queria entrar na Escola de Enfermagem. Aí a, a Iole conquistou, conversou com a Noemi e a Noemi resolveu ficar, não é? E a dona Izaltina também, por que a dona Izaltina era, era considerada a mãe das alunas da Escola de Enfermagem.

E.: Tia Izaltina.

V.: Já era (risos).

C.: Então ela, ela queria abraçar todo mundo. Se ela pudesse ela levava todo mundo pra casa dela, sabe? (inaudível)

a barreira aqui era a própria família, não é? Então a dona Izaltina, ela tinha um papel moderador muito grande de responder aos alunos, né? Qualquer coisa tinha, algum levante, confusão, ela sempre estava lá, tendo colocar água fria, não é?, pra coisa não ir pra frente. Então a partir daí a coisa começou a melhorar bem. Nós já tínhamos uma professora de psiquiatria, que a Terezinha entrou. A Terezinha inclusive veio do Paraná. É, acho que ela veio do Paraná, entrou. A Alaíde, e aí come..., aí que teve uma distribuição melhor. Eu, eu tive condições de ficar só (alguém tossindo) na saúde pública. É, a saúde pública entrou como quarto ano, não é? Aí entrou um quarto ano que era de só saúde pública. Foi quando eu pedi a colaboração da Luzia e da Inês. Uma entrou pra obstetrícia e a Luzia e a Inês ficaram comigo na saúde pública, no quarto ano. Então a gente dava um quarto ano muito pesado, sabe? E a gente utilizava campos fora de Belo Horizonte, tá? É, um ano nós usamos a, a, a, como é que chama aquela, o Rio de Janeiro, lá na, ..da Escola de Saúde Pública faz estágio.

V.: Você conhece que, vocês solicitaram uma ajuda do governo pra visitar várias cidades, Porto Alegre, Curitiba, São Paulo, Rio de Janeiro?

C.: Exatamente, né?

V.: E depois só foram a São Paulo e Rio de Janeiro.

C.: São Paulo e Rio de Janeiro, tá?

V.: Por que não foi liberado verba, ou...?

C.: Não tinha dinheiro naquela época, né? Era muito difícil você conseguir uma passagem da Faculdade de Medicina, porque as verbas eram esgotadas lá, e pra Escola de Enfermagem não sobrava nada, né? Nós visitamos a Escola Ana Neri, inclusive as alunas foram. Pedimos à Escola Ana Neri, a Escola Ana Neri recebeu as alunas, mas é, é, a primeira turma que foi lá foi a turma da Dôra (riso). Foi um drama pra agüentar esse pessoal lá porque elas não aceitavam. Apesar dos pesares as nossas alunas eram alunas assim, que sentiam. Elas chegavam a fazer comparação, como é que existia uma Escola Ana Neri, sabe? Elas questionaram a existência da Escola Ana Neri. E o pessoal é, tinha uma disciplina muito rígida lá dentro da Escola Ana Neri.

E.: Eles questionaram por causa da, da rigidez?

C.: Da rigidez, não é? Inclusive a exigência do uniforme, porque aí nós já começamos a tentar mudar o uniforme da Escola.

V.: Que usava touca nessa época, não?

C.: Antes. Depois não, depois nós tiramos. Quando passou pra curso superior nós já tiramos a touquinha, não é? (riso) Foi muito difícil mas nós conseguimos tirar a touquinha, tirar a rede da cabeça, não é? É, tirar aquela meia, porque a gente era como se fosse freiras, sabe? Era uma verdadeira religiosa dentro da Escola. Era o vestido e depois o avental muito bem engomado, não é? Parecia com aquelas madames lá da Europa, (inaudível)

Tanto que as funcionárias da Escola, elas é que passavam a roupa, sabe? Elas lavavam e passavam, elas se... Dona Margarida, que já faleceu. Dona Zulmira [Chaves Campos], que faleceu agora, não é? A dona Leontina, mãe do Oscar [da Costa], não é? A dona, a Maria, não é? Que hoje também taí, também tá aposentada, taí, não é? E a dona Galvina [Pereira], vocês já entrevistaram a dona Galvina?

V.: Tá na nossa lista.

C.: Então entrevista logo porque ela não está muito bem não, sabe?

E.: (riso).

C.: Procura logo porque ela não está muito bem não, a dona Galvina. Então esse pessoal vivia em função de lavar e passar roupa. Ficava aqueles aventais e pegar roupa de cinquenta e tantos alunos pra lavar, passar e engomar, sabe? Era muito difícil pra elas.

E.: E isso era lavado, passado e era lavado quantas vezes? Por exemplo, se precisava de um uniforme, quantos dias?

C.: Era três dias. Às vezes, às vezes um dia só você tinha que tirar, sabe porque?, porque antes sujava de sangue, você ia... Por que senão numa sala de cirurgia, você com aquele avental desse tamanho (gesto com as mãos para mostrar - riso). Você entendeu? Então as vezes era todo dia, não é? Algumas vezes, dependendo do local onde você estava, podia ser...

E.: Era manga comprida?

C.: O vestido não. Era manga aqui ó (mostrando com a mão no braço). Aqui no cotovelo, não é? E, e o avental tinha aquelas alças, né?

E.: Hum, hum. Já entendi.

C.: Tinha aquele, aquela parte quadrada (inaudível). Era, era. Primeiro era azul e depois passou pra branco. Já pensou branco? Pra sujar, não é? Então, dependendo do lugar, aí, aí variava, não é?

E.: Essas mulheres lavavam isso...

C.: A mão. No tanque, tá? No tanque... passava na goma, punha pra secar e aí depois elas passavam. Então eu sei que foi um trabalho muito grande dessas mulheres, ajudaram no crescimento da Escola de Enfermagem também, sabe?

E.: Nós estamos no ano de 1964 que foi o ano da, da Revolução. Como é que... Teve alguma modificação em termos de Escola, teve alguma influência essa questão da...,

C.: O negócio aqui foi sério em 64. Foi seríssimo. Porque lá, lá, nessa época os alunos faziam parte integrante do Diretório Acadêmico, não é? Porque a confusão não começou só em 64. Começou em 63 e foi penetrando pra 64. E, ê, eles entraram na Escola de Enfermagem. Inclusive, nessa época em 64 era a irmã Carmem que estava, não é? Acho que era a irmã Carmem, ou ainda era a irmã Emília, que estava na direção da Escola em 64? [Ir. Emília Clarízia foi diretora até dezembro de 1965; Ir. Maria Carmem Teixeira, de janeiro de 1966 a março de 1967].

V.: Acho que já era a irmã Carmem.

C.: Era irmã..., não, era irmã Emília ainda, não?

V.: Não tenho isso não.

C.: Era irmã Emília. Ainda era irmã Emília. Eles penetraram na Escola e deram busca.

V.: Eles quem?

C.: Os policiais, esse pessoal da...

V.: A polícia?

C.: ...Polícia Federal, não é? Então eles deram batida em tudo tudo, no Diretório Acadêmico aí, aqui também tinha Diretório Acadêmico. Só que eles não ficaram só na sede do Diretório Acadêmico. O Diretório Acadêmico tinha um salinha, não é? E eles foram no dormitório das alunas. Eles deram batida no dormitório. E nessa batida eles encontraram material subversivo, dizem eles que era subversivo, no quarto da Dôra. Olha a Dôra. Então foi a Dôra que eles pegaram. A Dôra ela, tinha assim, uma voz ativa. Desde o começo a Dôra começou a se impor dentro da Escola de Enfermagem. Como aluna, não é? E é, que ela não aceitava as coisas como as pessoas normalmente aceitam, não é? Ela questionava, ela não aceitava.

E.: E que material subversivo era esse, que eles acharam?

C.: Negócio do Diretório Acadêmico. Confusão assim de, de ir contra o governo, sabe? Eles faziam naquela...

V.: Manifestos.

C.: Manifesto. Só do manifesto. Não tinha nada assim, de grande complicação não. E eles prenderam a Dôra, sabe? Levaram pra penitenciária de mulheres, tá?

E.: E aí, como é que foi a reação da Escola?

C.: Ah, foi terrível, sabe? Foi uma reação muito grande porque...

E.: É, é, é, eles a prenderam aqui, ela estava aqui?

C.: Ela estava aqui.

E.: Ela estava aqui?

C.: Estava. E eu não sei onde é que eu estava, eu sei que eu tinha viajado, e quando eu voltei eu fiquei sabendo, não é?, que ela tinha sido presa. E aí começou o nosso trabalho pra, porque a irmã Emília como freira não queria, não é?, se envolver. Sabe que, né? Então nós começamos o trabalho. Comunicar a mãe da Dôra, o pessoal da família da Dôra vir, foi assim, uma coisa terrível, não é? E a gente visitava a Dôra na penitenciária, né? Em Neves E tentava fazer um trabalho. Aí que começou, a dona Izaltina e eu começamos a fazer um trabalho junto ao Coronel Góes, que naquela

época que era o, o comandante da ID4 [ ] não é? E quem fazia toda essa confusão era o pessoal da ID4, né?

E.: A famosa ID4.

C.: É, sabe? Então a gente ia lá, sempre, é, lá e, falava que não tinha justificativa da moça estar ali, era uma moça do interior, né? Ingênua, talvez levada pelos outros, não é? Tentando questionar pra Dôra sair de lá, porque a situação... Terrível a penitenciária de mulheres, uma coisa que eu não gostaria que, pra ninguém, sabe? Mas aí eles soltaram a Dôra, não é? Aí eu acho que isso deve ter ficado marcado.

E.: Ela ficou mais ou menos quanto tempo?

C.: Hein?

E.: Quanto tempo ela ficou?

C.: Acho que ela não ficou mais do que três meses lá, sabe? Mas mesmo assim eu acho que três meses deve ter sido pra ela um século, sabe?, lá dentro daquilo (riso). Não foi fácil não, sabe? E nessa época também que a, o negócio da Revolução é não ficou só até 64 não. A, a, a coisa foi, foi, foi até 68, no começo de 68. Tanto que em 67 a, nós tínhamos um filho da dona Zulmira, o Iraní.

E.: O Iraní.

C.: Iraní, o Iraní ele foi, ele inclusive, ele participava aí com um grupo da medicina, fazia assalto, essas coisas assim, né? E ele fugiu pro Rio de Janeiro. Fugiu pro Rio de Janeiro, mas eu não sei o quê que deu na, na cabeça dele, ele resolveu vir pra Belo Horizonte, e o ônibus que ele veio foi um ônibus que caiu no, no, na, no Viaduto das Almas, não é?

C.: Você acredita que foi o único que salvou foi ele? (riso) Todos morreram.

V.: Nossa, foi o único que salvou?

C.: Todos morreram... Foi o único. O único que salvou, sabe? Foi o único. Os outros todos morreram, inclusive tinha uma filha do Boggliolo [professor da Faculdade de Medicina] daqui, morreu, sabe? E ele ficou, foi o único. Mas ele teve ruptura de baço, não é?, e teve uma lê, lesão de fígado, teve lesão em outros lugares, não é? Mas, trouxeram pro Pronto Socorro. Mas eles fizeram uma festa, os soldados, o pessoal da Polícia Federal por ele ter salvado porque ele era a ponte de alguma coisa.



V.: Porque ele foi preso na verdade.

C.: Foi.

V.: Não porque ele se salvou. Foi porque ele foi preso (riso).

C.: Sabe? Então, ele ficou internado na, no Hospital do Pronto Socorro e ficava um policial na porta. Ninguém entrava pra visitar o Iraní, sabe? E eu estava viajando, quando eu voltei, eu tinha ido passar férias fora, quando eu voltei eu fiquei sabendo. Do aeroporto eu já saí e já vim direto pro Pronto Socorro pra ver o quê que era que estava acontecendo. Pra dar apoio pra dona Zulmira, não é? Na hora que eu cheguei na porta da, da, do servi..., porque o soldado que estava lá falou que eu não podia entrar, né? Falei que estava tem..., que eu pedi a permissão, porque eu conhecia o Coronel Góes, e aí ele já, porque ele veio. As minhas influências que eu tinha tido lá, né?, na ID4.

V.: (riso).

C.: Ele deixou entrar, sabe? Mas aí eles me pediram meu documento, sabe? E nós começamos a fazer. E eu era, nessa época eu não sei o quê que eu era da Escola. Eu sei que eu ocupava um cargo mais ou menos na Escola, eu não me lembro. E, começamos a fazer um trabalho pro Iraní, mas o Iraní foi preso depois que ele recuperou, não é? Foi preso, nós tivemos que dar o apoio pra dona Zulmira. Aqui na Escola de Enfermagem a, a confusão era a seguinte: é, ninguém podia tocar em nada que fosse contra o governo. Nenhum manifesto na sala de aula feito por professor ou aluno em relação ao governo, nesse período, não é?

E.: Isso foi uma determinação da, da diretoria?

C.: Não. Vinha da ID4. por exemplo? Você lembra?

E.: Ah, tá. o seguinte: que estavam se...

C.: Pra todos os uni..., pra todas as universidades, não é? Tinha que ter a Bandeira Nacional dentro da sala, não é? Tanto que o, vocês devem ter, lembra?

E.: Eu me lembro da, da... pessoa que se manifestou...

C.: (riso). Você se lembra? Então era obrigatório.

V.: Nacionalismo. dentro da Escola de Enfermagem...

C.: É, era obrigatório ter a Bandeira Nacional dentro da sala. Então todas as salas tinham sua Bandeira Nacional, não é? Você se lembra, né? E...

E.: E isso em 73, ainda existia a Bandeira.

C.: Já existia a Bandeira, não é? Ficou aí, ficou aí muito tempo, né? E, existiam aquelas correspondências sigilosas que vinham, não é? Então, eles mandavam, não é? E, as vezes ficava uma preocupação muito grande porque eu conhecia os fiscais. Então as vezes eles entravam na sala, e o normal era olhar e começou a crescer o número de alunos e ficava difícil pro professor identificar, quem era aluno e quem não era aluno. Por que na turma pequena era fácil. Então (inaudível) um fiscal lá, sabe? As vezes eu chegava na porta da sala e ela dava um sinal pro professor. Então a gente já tinha combinado, né? Qualquer dúvida.

V.: Tinha um código?

C.: Já tinha um código. Então combinava e ela já, sabe? (batendo na mesa para demonstrar).

V.: Ele era espião. (riso)

C.: Ficava espionando a casa, não é? E a gente avisava pro pessoal.

E.: Por que você da..., a diretoria comunicava pra esse sujeito entrar?

C.: É. Tinha uma correspondência sigilosa, não é?, comunicava, não é?

E.: E essa correspondência deve ter sido destruída?

C.: Eu acredito que sim, viu.

E.: Com certeza ela deve ter sido destruída.

C.: Queima, né? Queima, seria um documento riquíssimo!

E.: Fala cruzada com a entrevistada (incompreensível).

V.: E eles diziam o quê, por exemplo? Você lembra?

C.: Eles diziam o seguinte: que estavam ali representando a Polícia Federal e a I.D. 4, porque a I.D. 4 é que comandou tudo isso aqui em Belo Horizonte, não é? E, e qualquer coisa que acontecesse que estivesse contra os, aquilo que estava sendo estabelecido pela I.D. 4, a pessoa que se manifestasse seria levada presa, sabe? Então já pensou, esse negócio ia ficar bem grave, não é? Então foi um, um período assim, de muita insegurança dentro da Escola de Enfermagem, sabe? A gente ficou sem saber até que ponto a gente poderia ir, sabe? E aquela preocupação também de olhar o aluno quando chegava, pra não trazer material porque aí poderia colocar a Escola numa situação difícil, não é? Então a gente não deixava entrar é, é qualquer tipo de material

que fosse contra. Apesar da gente ser contra as coisas, mas sempre aceitar, não é? Infelizmente era o governo que estava mandando.

E.: Existia alguma correspondência (inaudível). Esse tipo de correspondência deve ter durado até quando?

C.: Até 72, quando dona Izaltina entrou nós recebíamos correspondência sigilosa. Até 72.

E.: Até na época da dona Izaltina?

C.:...Recebíamos correspondência sigilosa. Eu acredito que essas, essas correspondências devem estar por aí jogadas em algum lugar, viu?

V.: Temos que procurá-las (riso).

C.: É. Que existe, existe. Por que até na época da dona Izaltina a gente recebia correspondência sigilosa, tá? Então é, é 64 eu acho que houve só isso aí, eu não me lembro mais nada.

V.: É, você falou da questão da Dôra, teve outra aluna que teve algum problema, com a ditadura?

E.: Além do Iraní e da, da Dôra a dona Rita foi presa por causa da, da dona...

C.: Da dona Zulmira. (inaudível) da Escola, sabe? Deixa eu ver se eu me lembro? Eu sei que a Silvana nessa época, a Silvana também teve problema, acho que foi depois, não é? A Silvana, não sei se é da mesma época?

V.: Parece que é antes da, da Dôra.

C.: É, porque a Silvana teve detida algumas, por algum movimento estudantil, não é?, anteriormente. Agora eu não me lembro se teve mais alguém. É, é realmente quem teve maior prejuízo foi a Dôra.

V.: Hum, hum. Docente nenhuma teve algum problema.

C.: Não, docente não. Docente nenhuma.

V.: Tá.

C.: Agora em 65, né?

V.: Sessenta e cinco teve uma greve. Fim de 65, uma greve aqui da, da... Você se lembra dessa greve?

C.: É, não foi só (inaudível) da greve. A greve foi lá também.

V.: Tudo, todos os alunos.

C.: É, é, foi junto, não é?

V.: Sim.

C.: Teve sim. Teve essa greve e inclusive é, pela primeira vez os alunos da Escola de Enfermagem não trabalharam, não participaram, não é? Eu acho que foi assim, uma forma de, falar assim: é, nós não estamos satisfeitos com alguma, com alguma coisa que está aí dentro, tá? Então a, nessa greve nós também nós não reagimos, deixamos, né? Aceitamos tranquilamente.

V.: As alunas da enfermagem aderiram à greve?

C.: À greve dos estudantes.

E.: Você lembra em que período foi isso?

V.: Fim de 65, início de 66.

## [FINAL FITA 2 LADO B]

### FITA 3 LADO A

Valda.: Continuação da segunda entrevista com Carmelita Pinto Rabelo.

Carmelita.: É foi nesse movimento dos estudantes e foi a partir daí que eles resolveram dar o nome, por causa do envolvimento da Marina, inclusive acho que eles queriam algum modelo pra representar e a Marina nessa época representava a enfermagem não só de Minas [Gerais] como brasileira, né? E só foi, é, só aderiram não teve assim maior complicação não.

ESTELINA: E foi mais ou menos quanto tempo de adesão?

C.: Ah, não foi muito tempo não, (inaudível) acredito assim que não chegou a um mês não, sabe? Porque automaticamente as alunas voltaram, os alunos naquela época, mas era pesado o curso superior, ainda éramos responsável por manter o trabalho no Hospital das Clínicas, anteriormente era mais nítido, né? Aí mesmo assim nessa época ainda a gente tinha escala porque ainda não tinha muito profissional no Hospital das Clínicas e a gente tinha que assumir (tosse).

V.: Você lembra do motivo dessa greve, o que eles reivindicavam?

C.: Não me lembro viu? Eu acredito que o movimento era exatamente contra o governo, contra é, é, sempre todo movimento de estudante era contra as atitudes do governo, nunca foi em relação a outra coisa. Atualmente é que eles fazem greve por causa de bandeirão, mas nessa época como não tinha bandeirão, não existia isso, né? É, era qualquer coisa ligada ao governo, talvez o próprio movimento ainda permanecia as reações por causa do movimento de 64, né? Que ainda continuou, né? Provavelmente isso, inclusive conta é só que entrava, que eles entraram (inaudível) entraram assim sem pedir licença, eles comandavam eram um bando, né?

V.: Hum, hum. Você falou em refeição, nós temos registros que o DAMAR contabilizava um monte de refeições feitas no refeitório da medicina para fazer pagamento, a pagar, como é que era isso, quem dava esse dinheiro?

C.: Era a Faculdade de Medicina que pagava, pelo seguinte, anteriormente nós, as alunas tomavam refeição na cozinha do Hospital das Clínicas, né? E aí, como foi fechado, né? e o Hospital das Clínicas começou a fazer um trabalho de remodelamento, de reconstrução, porque eu não sei vocês, não devem ter conhecido o Hospital São Vicente, né? E aí começou uma reforma muito grande e eles começaram a usar todos os espaços que tinha pra poder reconstruir o hospital, o pessoal da cozinha começou a se negar de fazer refeições pras alunas de enfermagem porque eles tinham todo um complexo de pacientes lá para atender, né? e as alunas começaram a fazer, e as próprias alunas reivindicaram que eles queriam ter esse direito, né? de tomar refeições junto com o pessoal de medicina e tudo, o dinheiro que era revestido para o Hospital das Clínicas passou a ser pago ao, a Mendes Pimentel [Fundação Mendes Pimentel], né? pra refeição das alunas, a Faculdade de Medicina é que pagava. Então, a, a tinha lá um... o aluno entrava falava que era da enfermagem, né? e aí era contabilizado; no final do mês vinha a conta e a Faculdade de Medicina pagava, né? por esses alunos.

V.: Bom, então nós já estamos agora em sessen..., mais alguma coisa de 65?

C.: 65... acho que só isso. Sessenta e cinco... é só isso mesmo, se tiver alguma, depois, né? Vamos ver se vocês lembram também, e eu...

E.: É, e na seqüência o que você está lembrando de 66?

C.: Agora em 66, é 66 nós fomos fazer estágio de enfermagem em Saúde Pública em Pirapora, aí nós começamos a ir com os alunos pra Pirapora, e...

E.: ...que era onde você tinha feito estágio anterior...

C.: ...anteriormente, eu [achei o] campo muito bom para as alunas, entendeu? E fazia parte do quarto ano de Saúde Pública, né? e nesta época eu estava assim muito envolvida, tanto 64,65, 66 com a ABEn, né? Na época que a irmã Teresa Notarnicola esteve aqui em Belo Horizonte e eu convivia muito, é lá com o pessoal da ABEn, desempenhando algumas tarefas lá, e a gente é tinha oportunidade de sentir que precisava melhorar a enfermagem, né? Melhorar a enfermagem seria levando os alunos pra ver outras coisas, que a gente influenciava, que se a gente tivesse verba, inclusive ir pro norte do país e outras coisas, né? É, e foi somente Pirapora que conseguimos, mas mesmo assim em Pirapora (limpando a garganta) os alunos é que se custeavam, sabe? Pra isso eles pagavam, a gente alugava uma casa, pagava o aluguel da casa, levava uma funcionária da Escola que ficava com eles lá pra fazer comida, essas coisas e eles se financiavam os próprios alunos e eles não reclamavam não, em nenhum momento, nós fomos dois anos seguidos para Pirapora, sabe? E o pessoal lá sempre era assim com muito carinho, às vezes eu vinha pra cá, pra Belo Horizonte pra resolver problema, eles ficavam lá ou então a Luzia ia pra ficar no meu lugar ou a Inês; então a gente fazia é, sempre esse rodízio, sabe? E nós fomos pra Pirapora, e a gente fazia, como tinha, era o quarto ano de Saúde Pública tinha uma parte muito grande de estágio lá, né? Na...nas escolas, né? A gente, a gente fazia um trabalho também com..., na região, de prostituição lá de Pirapora, fazíamos um trabalho muito interessante que as alunas faziam, sabe? além do trabalho da Escola, escolar (vozes ao fundo) que o trabalho mais de educação sexual, educação, higiene, sabe? É porque muitas vezes, iam casos de doenças venéreas nos posto e aí a gente voltava dando atenção não só pra prostituta como para os filhos, porque é, é elas inclusive falavam “vocês só, você só chegam lá minha casa tal horário”, sabe? Nove horas da manhã, porque aí já não tinha nenhum parceiro lá dentro, né? E aí a gente preocupava também com as crianças, que era muito raro, mas a prostituição não é igual Belo Horizonte que só tem a mulher; lá não, tem casa com os filhos, e aí então a gente tinha que fazer esse trabalho também com as crianças, sabe? lá em Pirapora. Esse trabalho em Pirapora, Luzia, a Rizioneide

foi uma das alunas, né? também como aluna a Marília [Siqueira] foi como aluna é, e (inaudível) mais gente aí, a Maria Helena Maia também esteve como aluna lá, né?

V.: Quanto tempo duraram os, o estágio lá?

C.: Era um semestre, o estágio era um semestre; a gente ficava num semestre uma parte teórica aqui, embasamento teórico, depois a gente ia colocar tudo na prática, né? era muito interessante. Em 66 eu acho, eu não sei se tem alguma coisa marcante aí, né?

V.: É, tem, né? Em 66 foi proibido a permanência das alunas do internato durante as férias devido a abusos, você se lembra disso, quem que determinou esse... essa proibição.

C.: ...é porque a partir... a partir de 1966, de 64 quando o curso passou a ser superior aí a gente tinha que entrar no esquema de férias do final de ano, no meio do ano, não é? Então não justificava uma vez que, as alunas não mais prestavam trabalho no Hospital das Clínicas dezembro, janeiro e fevereiro, então não justificava ficar no internato, sabe? Então aí por isso que surgiu a proibição que a Escola teria que manter aluno, tinha que manter funcionários fazendo as mesmas coisas, né? e alimentação e aí ficou mais difícil, foi por isso saiu essa proibição.

V.: Não teve grandes transgressões das alunas [interferindo nessa proibição]?

C.: Não, não, não teve nada disso, sabe? o objetivo mais foi esse.

V.: Você se lembra do, dos alunos Antônio e Joaquim, alunos não, eles foram só candidatos, e Joaquim Machado que não foram selecionados e que entraram com um mandado de segurança contra a irmã Carmem?...

E.: ...Joaquim Machado Neto não é? Joaquim (inaudível)?

C.: ...é o Joaquim é.

E.: ...que o sobrenome é o mesmo, é, é mas também não foi ele não, o Joaquim não...

C.: ...foi ele e quem?

V.: Antônio de Ávila Andrade e Joaquim Machado Neto impetraram um mandado de segurança.

C.: Eu não, não me lembro não, Joaquim eu me lembro, Joaquim eu me lembro, o Antônio eu não me lembro. Ó, o problema maior é que todo mundo achava que a enfermagem era pra mulheres, tá? O maior problema era esse. Eu não sei se o primeiro estudante que se formou aqui foi seu...Henrique, [Augusto de Melo] mas que ano que foi que se formou você se lembra?

V.: Não, não, não tenho aqui agora, tenho lá dentro.[em dezembro de 1966]

C.: ...foi o primeiro aluno de enfermagem, do sexo masculino foi o primeiro aluno, sabe? E, e, ele também teve dificuldade de entrar porque as professoras... aí começou aquela briga intensa de colocar como é que o aluno ia fazer obstetrícia e ia fazer ginecologia, como é que ia fazer? Era proibido... o aluno de enfermagem chegar na obstetrícia, “ah, então eu vou fazer estágio”. Esse aluno que entrou e os outros que entraram depois, no caso de Joaquim, eles iam fazer o estágio, eles tinham que fazer para substituir essa disciplina, urologia e no homem, não é? não podia fazer na mulher, a urologia no homem (risos), sabe? Então essas coisas existiam é acho que no começo de um processo de desenvolvimento que a gente tem que aceitar, né? E a gente mesmo sabe que é terrível você ter que levar um aluno pra fazer um parto, né? aluno de enfermagem, esquece que o médico fazia parto, você vê que às vezes a gente não associava as coisas, sabe? Mas o Joaquim, é exatamente o problema foi esse, não queriam que entrasse homem na Escola.

V.: Ele era de cor?

C.: Não, ele era mais ou menos tipo (inaudível) Joaquim, não, inclusive eu tenho até uma afilhada, a filha dele é minha afilhada (risos) é,(inaudível) de lá na casa dela.

V.: ...[o endereço] do Joaquim depois.

C.: Não [tenho], eu tenho o telefone.

E.: Nunca mais eu vi o Joaquim acabou que ele formou junto comigo, quer dizer ele entrou em... sessenta e seis e ele foi formar em 71, ah 76 aliás. Ele formou dez anos depois.

V.: De repente ele já fez vestibular de novo, mais tarde.

E.: Não, parece que ele entrou, ele entrou com vários mandados de segurança... entrou...quando eu entrei na Escola já tinha uma história antiga dele com vários mandados nesse período.

C.: É exatamente, que não (sobreposição de vozes), que não podia entrar homens na Escola de Enfermagem.

E.: Ele fez outro vestibular?

C.: Fez, ele fez, fez (sobreposição de vozes)



E.: Ele fez outro vestibular?!

C.: Fez, ele fez sim... Não se admitia homem na Escola de Enfermagem, o problema maior foi esse aí. Havia essa resistência, assim como teve com a entrada de preto no começo; aí pra entrar homem também teve essa resistência, e agora a coisa abriu com, é bem mais aberto, né?

E.: Ela já chegou a falar essa história (inaudível)

C.: Já contei (risos), já contei.

V.: Você é, temos notas na universidade que o DAMAR fazia cursinho pré vestibular, havia participação dos docentes ou era uma coisa independente?

C.: Não, havia participação dos docentes e não só curso de, de pré vestibular, preparatório como também o curso de extensão. O diretório deu muito curso de extensão, inclusive eu participei de vários cursos de extensão, programado pelo próprio DAMAR.

V.: Era bem ativo o DAMAR, na época?

C.: Isso, o diretório na época era bem ativo eles davam cursos inclusive pra familiares, curso pra pronto socorro, curso prá s mães pra poder ensinar a fazer curativo umbilical, isso era o diretório acadêmico que fazia, sabe? Uma promoção, mesas redondas, o, o DAMAR fazia nessa época, convidava pessoal de fora, sabe? Era bem ativo o diretório nessa época.

V.: Hum, hum. Sobre o roubo na Escola em abril, 25 de abril o que você se lembra? Arrombamento, não foi bem um roubo.

C.: Abril de que ano? Sessenta e...seis,... seis. Roubo...

V.: ...arrombamento, uma tentativa de entrada na Escola?

C.: Ah, isso aí tiveram vários, sabe? Ô, não foi uma só não, sabe? principalmente aqui na...essa parte de baixo não funcionava, e na época a gente achou que era gente que queria entrar pra morar aí dentro, numa área vazia, sem movimento, né? Nós achamos que fosse isso, mas não deu em nada não, sabe? É houve realmente tentativa de entrar, mas não aconteceu não, sabe?

E.: Tem, teve nessa época também dois trabalhos (inaudível) de técnica de administração; você lembra de alguma coisa a respeito dessas, desses trabalhos?

C.: É teve inclusive um jornalzinho. Ele foi do diretório acadêmico, eu não sei se eu tenho esse jornalzinho, eu vou procurar, se eu ainda tiver eu passo para vocês. O diretório acadêmico que fez, não é? e deu curso sobre imunização, é, eu tenho a impressão que a Silvana devia estar envolvida, eu não sei se a Dôra também estava envolvida, sabe? e teve jornalzinho, inclusive fazendo divulgação, e teve apostilas essas coisas todas, teve realmente, sabe? Mas eu, eu, foi em 66, né? Foi. Eu não sei, teria que ter uma pessoa mais ou menos ligada a isso aí para dar pra vocês mais detalhes. Eu acredito que a Dôra poderia dar, porque eu acho que a Dôra estava (inaudível)nisso, não estava em 66? Eu tenho a impressão que sim, que a Dôra daria uma boa contribuição pra vocês.

V.: Sobre a prestação de serviço da Faculdade de Odontologia você se lembra como é que iss, essa relação dos alunos com a faculdade de odonto?

C.: Odontologia? É o pessoal da Saúde Pública, né? No os alunos da Saúde Pública, nós fazíamos estágio lá na Associação do Padre Agnaldo, e a gente fazia um trabalho, não sei se é isso aí, sabe Valda? E a gente fazia um trabalho de integração odontologia e o campo de prática lá, e muitas vezes, até alunas de outras disciplinas se interessavam e faziam um trabalho lá, no sentido de é, selecionar clientes, de fazer orientação de clientes, ensinar por exemplo a escovar dente, fazer higiene oral; existia esse trabalho, olha eu não sei muito detalhe não sabe? Tem muita coisa passada, né?

V.: É, é o simpósio em Divinópolis que você coordenou?

C.: Ah, é, que? Divinópolis ou Itaúna? Itaúna.

V.: ...nós temos aqui que foi em Divinópolis, em 14 de outubro.

C.: ...acho que foi em Itaúna, foi não? Foi Itaúna, eu deu um simpósio em Itaúna. Na época que em Itaúna estavam pensando em criar um curso de enfermagem lá. O que eu, uma outra coisa só pra depois continuar, pode?

V.: Não, não só tem assim que teve um seminário, a participação dos alunos em que você coordenou, um simpósio em que você coordenou, que aconteceu em outubro.

C.: ...em 66 não me lembro.

V.: ...foram tantas atividades extra Belo Horizonte, né?

C.: ...É, eu me lembro que eu fiz um simpósio em Itaúna, nessa época eles estavam pensando em criar um curso técnico, aliás de enfermagem, aí nós pensamos que seria

difícil eles criarem um curso de enfermagem, mas que eles poderiam criar um curso é de técnico de enfermagem; aí nós fizemos um trabalho lá inclusive a, a Sônia que na época era irmã Castorina, né? Que hoje é Sônia é casada, mora em São Paulo e tem uma filhinha, né? Então a irmã Castorina que foi convidada pra fazer o trabalho lá, né? Aí a irmã Castorina é que promoveu esse seminário, inclusive essa lâmpada grande que tem na Escola de Enfermagem foi a, lá, a Itaúna que doou pra gente, na época do seminário, então eles deram aquela lâmpada pra gente, eu não sei se a lâmpada está por aí, rondando na Escola de Enfermagem. Ela ficava no, na capela, era uma lâmpada desse tamanho assim (faz gestos pra mostrar), muito bonita a lâmpada, foi doada pelo pessoal de Itaúna.

(inaudível) (sobreposição de vozes)

E.: ...está na memória.

C.: Hum, hum. É deve está, tá, mas essa lâmpada que foi [doada] que eu não me lembro, né?

V.: Hum, hum. E sobre a filмотeca.

(sobreposição de vozes) (risos) (inaudível)

V.: Você foi responsável é, (sobreposição de vozes) que câmbio é esse, como é que era essa história da filмотeca que você foi responsável?

C.: Ó, o problema é o seguinte, nós estávamos pensando já na época, da na desanexação da Escola de Enfermagem, né? e a gente precisava de ter algum motivo pra começar a motivar o pessoal da Escola, né? e a gente então começou a, é, a fazer esse tipo de, a pedir filme inclusive práas alunas de enfermagem não só ligada a movimento estudantil, a movimento de escola como também para integrar, era uma forma assim de integrar o pessoal porque o pessoal era muito... desligado, né? cada um vinha, fazia sua tarefa na Escola e ia embora, e a gente precisava de alguma coisa pra integrar para o pessoal começar a pensar é nas, nas coisas da Escola de Enfermagem então o objetivo foi esse, mais foi esse aí.

E.: E aí como que era passava o filme? (inaudível)

C.: Agente pass, tinha o horário, né? À noite a gente estabelecia um horário à noite passava o filme aí vinha o pessoal, não é? Às vezes a gente passava durante o dia para as, para as professoras porque tinha professora que não vinha, né? À noite e a gente

passava então durante o dia.

E.: E, e depois do filme tinha, vocês aproveitavam isso para expor alguma discussão ou só ficava nisso?

C.: Não, a gente, a gente fazia discussão, sabe? Inclusive a discussão passava é, pelo, um trabalho que a Faculdade de Medicina queria aproveitar o quinto e sexto andar da Escola de Enfermagem e a gente não queria, sabe? Começou esse movimento inclusive por isso, eles é, como eles estavam querendo, já trabalhando na reforma universitária, eles estavam pensando em área física e eles pensaram em aproveitar o quinto e sexto andar da Escola de Enfermagem, né? E aí então começou esse movimento; o trabalho foi mais nesta direção; então eles sentavam, discutiam inclusive não deixar que a gente, apesar da gente estar dentro da Faculdade de Medicina a gente tinha uma resistência muito grande com a Faculdade de Medicina pelo desprezo que ela tinha assim com a enfermagem, né?

E.: Quer dizer que foi uma estratégia de, de...congregar, colocar em discussão? (inaudível)

C.: ..exatamente de congregar o pessoal lá, sabe? O pessoal da Escola de Enfermagem.

V.: Sim mais alguma coisa de 66, que você se lembra?

C.: 66... acho que é só.

E.: (inaudível) sempre tem alguma coisa a dizer.(inaudível) Ah, certo, isso é em 67?

V.: É, no outro ano 67 foi um ano muito importante!

C.: Foi, (risos) foi sim, foi, nós começamos um movimento para acabar o uniforme da Escola de Enfermagem, sabe? As professoras e alunas não aceitava o uniforme mais, de jeito nenhum.

V.: ...daquele jeito que era.

E.: ...nessa época de que jeito que era o uniforme? Qual que era (inaudível)

C.: O uniforme, até que o uniforme nesta época já era mais modestos, né? Porque a gente já tinha feito mudanças, era só um vestido, né? Um vestido é da cor cinza, nessa época era um vestido da cor cinza, né? é votaram que seria, azulado aí ficou cinza, né? Com a meia também cinza e a gente estava querendo mudar o uniforme pra gente usar somente uma calça, já pensou, ouvir falar em calça, mulher? (Risos) usar calça, usar um avental, né? Então o, o trabalho começou por aí, né? e a gente já tinha uma

rejeição, a única, [freira] que tinha na Escola era a irmã Carmem, né? E o pessoal começou a sentir...que a diretoria...que era a diretora que ia (inaudível) a sentir que, a própria congregação sentiu que precisava tirar, né? E a Faculdade de Medicina também já estava pensando na desanexação e eles exigiam que fosse uma pessoa leiga na Escola de Enfermagem, né? Era uma exigência que tinha que cumprir.

E.: Por que você acha que eles faziam (inaudível)

C.: Porque eles achavam assim que a Escola, qualquer instituição universitária ela não tem que ter influência religiosa, o maior problema era esse, né? E automaticamente existia, tinha uma capela na Escola que foi, você viu a tragédia que foi pra acabar com essa capela na Escola de Enfermagem, não é? Veio acabar agora, acho que tem três anos, né?... Tem pouco tempo. Foi uma luta tremenda, assim pra você acabar com isso, ó você tem que ir à missa todo domingo, tem que ter missa aqui essas coisas todas. Então essa influência religiosa não devia ter em instituição nenhuma pública, né? Então a partir daí foi que eles começaram a pensar na existência de uma leiga na Escola de Enfermagem, tá? E a, o professor Versiani então pediu pra indicar, que fosse indicado uma pessoa e infe, não sei se foi felizmente ou infelizmente eu fui indicada (risos). No finzinho de março, comezinho de abril, eu fui indicada para ser a diretora da Escola de Enfermagem. Aquilo pra mim foi muito difícil porque eu era a mais nova...

E.: ... foi pela Faculdade de Medicina?

C.: Pela Faculdade de Medicina, tá? Era o diretor da Faculdade de Medicina que ia indicar a diretoria, ia fazer a portaria da diretora, né? Então foi muito difícil pra mim, eu era a mais nova da Escola, aí eu já sabia que uma catástrofe ia cair na minha cabeça, né? E realmente caiu, não foi fácil não segurar essa barra aí, que tinha muita gente que queria ser diretora da Escola de Enfermagem. Tinha muita gente querendo ser diretora e porque eu, fui diretora da Escola de Enfermagem, sabe? Eu também não sabia falar porque que eu fui escolhida (risos). Que quando eu fui chamada pelo professor Versiani, eu fui lá então ele me falou que ia entregar a Escola de Enfermagem em minhas mãos. Aquilo para mim foi assim... eu falei assim meu Deus se eu já comecei um movimento aqui, né? A gente tem que continuar, e essa é a oportunidade da gente trabalhar para desanexar essa Escola.. E juntou também, nessa

época, em 67, além de eu assumir a direção da Escola, de assumir a Secretaria de Saúde, né? Não obrigada! ( oferecimento de água). Assumir a Secretaria de Saúde, que eu estava também na Secretaria de Saúde, né? e trabalhando lá, e assumi o Hospital Municipal. Então juntou e foi assim tudo junto e eu falei assim: será que eu vou dar conta, né? eu fiquei sem saber se eu daria conta do negócio, mas eu acho que até que foi bom e nós fizemos um convênio com o hospital, com o prefeito de Belo Horizonte nesta época era Francisco, era Souza Lima, Luiz Souza Lima, não é? Nós fizemos um convênio e nós passamos a fazer estágio no Hospital Municipal. Foi interessante porque a Escola era a dona do Hospital Municipal, não é? Nós organizamos o Hospital Municipal e começamos a usar aquela, aquela, é, como é, aquela estratégia que o aluno mais antigo acompanharia o aluno mais novo e isso foi muito bom, sabe? Há pouco tempo eu estive com uma pessoa que eu fiquei até muito feliz ela falou assim eu aprendi enfermagem foi no Hospital Municipal, sabe? Eu falei assim que bom, sabe? que pelo menos alguém reconheceu, né? essa pessoa é, me falou assim: eu aprendi enfermagem lá e hoje se eu sou enfermeira graças à experiência que eu tive no Hospital Municipal...

V.: Antes não havia, (limpando a garganta) antes não havia esta estratégia?

C.: Não, a gente só usava o Hospital das Clínicas mas a gente não tinha o comando, quem comandava eram as freiras, né? a gente ia só lá prestava o serviço e saía, né? não tinha a coordenação, sabe? No começo sim, quando não tinha enfermeira, não tinha freira, aí a gente assumia, a, as mais antigas assumiam, mas depois não, aí a partir do momento que passou a ser curso superior, parece que houve assim uma rejeição porque ninguém queria que a Escola passasse a ser de nível superior, sabe? principalmente o pessoal da Faculdade de Medicina e os professores da medicina caíram fora, né? a partir de 68 com a reforma. Que não foi fácil, né? nós começamos a assumir com a, a, a reforma para ensino superior aí nós começamos a assumir, as professoras começaram a assumir, sabe? Aí os...

V.: O conteúdo teórico?

C.: ... aí os professores da Faculdade de Medicina começaram a sair, e eles não gostaram, né? Eles achavam que eles poderiam ter duas aposentadoria, uma da Escola de Enfermagem e uma da Faculdade de Medicina, (risos) , né? Então não foi muito

bem aceito não, e aí começou o nosso trabalho no sentido de desanexar a Escola, sabe? Um trabalho assim que esse professor de sociologia ajudou bastante eu ainda vou me lembrar o nome dele, ele é advogado não, ele era, que ele morreu e então ele deu todas assim as diretrizes pra gente, como é que a gente ia trabalhar para desanexar a Escola, é nessa época nós continuávamos com estágio em Pirapora ainda, né? E nesse ano 67 nós prestamos uma homenagem à Waleska Paixão aqui na Escola de Enfermagem, não sei se vocês têm... Não. alguma coisa registrado aí, né? Nós prestamos uma homenagem à ela, eu vim até de Pirapora é, como diretora, ex-diretora da Escola de Enfermagem, por sinal uma festa até muito bonita, sabe? (Inaudível) pra Waleska Paixão, ela veio do Rio de Janeiro e nós fizemos a festa para ela. E, e em outubro de 67 nós fomos participar de um congresso em Porto Alegre aí a gente já estava fazendo mais ou menos o trabalho, né? Não foi out, foi em 68 que nós fizemos trabalho, não? Foi 67, não foi 68, 67 só foi a vida rotineira, né? Assumi a diretoria aí nós começamos a fazer mais reuniões, né? tentando entender cada professor, eu já estava no meio deles então ficaria muito mais fácil. (tosse)

E.: Mas como foi esse, essa, essa aceitação deles, de você enquanto diretora na medida que tinha, existia várias pessoas que queriam esse cargo?

C.: Não foi, eles, não aceitaram, eu senti assim uma dificuldade muito grande apesar de na minha frente todo mundo assim, a, falar que aceitava tudo muito bom mas, aí esse negócio da gente ficar sabendo por trás o que as pessoas falavam, sabe? e às vezes é que desmorona a gente nesses trabalhos, mas mesmo assim eu me mantive firme, sabe? é inclusive a pessoa mais próxima de mim que da, que queria ser diretora era a dona Izaltina era uma das que queria a direção da Escola de Enfermagem, sabe? E, não, e eu fui convivendo, sabe? E você sabe que a hora que você assume um cargo de direção seus amigos desaparecem, primeira coisa que acontece, você não conta com mais ninguém perto de você, sabe? parece que... quando você se investe de algum cargo automaticamente todos os seus amigos lhe deixa de lado e você? e perde tudo aquilo que você conquistou e não foi fácil pra mim não, sabe? É, quando foi é, em 1968 saiu a Lei 5540, né? da desanexação [da Reforma Universitária] e o professor Gerson [de Brito Melo Boson] que era reitor aí ele me colocou como diretora da Escola de Enfermagem, né? Fez uma portaria e falou: até sair toda a estrutura a

senhora continua respondendo, né? pela Escola de Enfermagem.

V.: Hum, hum. Algum fato mais agradável, marcante desse início como diretora, você pudesse relatar? Ou prazeroso, lógico? Eu falei do ruim e depois (sobreposição de vozes e risos)

C.: A gente teve um trabalho muito grande porque a gente viajava muito pra Brasília para ver o pessoal do, lá do Conselho Federal de Educação, de Brasília e Rio de Janeiro; então nós passamos o ano é, de 67 só viajando, não é? para ver como que a gente ia fazer pra desanexar a Escola de Enfermagem porque o professor é, Sucupira ele tinha estado em Belo Horizonte e tinha colocado para o reitor que ele não ia desanexar a Escola de Enfermagem não, sabe? E a gente tinha lá, e com, mas isso foi reforçado pelo professor Versiani, porque a Escola de Enfermagem saindo da Faculdade de Medicina ia cair a verba da Faculdade de Medicina, porque ela ia ter a sua, o seu orçamento, né? E professor Versiani é que estava reforçando essa idéia de que a Escola desanexasse. Nós ficamos preocupados porque o Clóvis Salgado era do Conselho Federal de Educação, sabe? Então o que o Versiani falasse e os médicos falassem e eles iam selar lá no Conselho, sabe? E aí o professor Versiani falou assim: ó vocês têm que fazer um trabalho, senão vocês não vão conseguir é desanexar a Escola. Aí nós íamos no Rio de Janeiro conversávamos, inclusive ouvia até piadinha, tá? Porque naquela época o homem é, eles achavam que eles era vestidos de algum poder, e eles achavam que deviam molestar as mulheres, que eram, sabe? uma coisa assim, ouvia piadinha, né? Passar a mão no ombro, sabe? só querer passar a mão, sabe? e a gente não estava acostumada ainda, sabe? É às vezes a gente tem que aceitar determinadas coisas em função daquilo que a gente estava trabalhando, né? E aí conversamos com cada conselheiro, sabe? Nós fomos lá, e procuramos um padre, nós falamos assim quem sabe um padre não vai nos dar um apoio, né? eu não me lembro o nome desse padre não, mas uma hora eu vou me lembrar, aí ele virou pra mim e falou assim o que o Sucupira resolver é o certo, sabe? Já sabe que o Sucupira... era contra como é que nós íamos fazer, né? Aí procuramos o presidente do Conselho, esse era mulherengo pra valer, sabe? daqueles com piadinha e nós fomos conversar.

E.: ...você lembra de alguma piadinha dele?

não é?



C.: ... ele fez, ele fez uns convites assim meio estranhos, sabe? (risos) naquela época os convites meio estranhos, eu ainda vou tentar me lembrar o nome dele porque ficou marcado, eu estava começando, né? Novinha, nova, sabe? e tendo aquele problema assim, daquela preocupação que existia na sociedade que enfermeira era mulher de médico então tinha aquela preocupação de não deixar que isso acontecesse, né? Mas aí nós fomos enfrentamos Sucupira...

V.: Nós quem?

C.: Izaltina e eu. Aí nós fomos e enfrentamos o Sucupira, sabe? É marcante agora fomos conversamos com ele e aí colocamos toda, toda a situação da Escola de Enfermagem ou, e mais ou menos o que a gente esperava dele, sabe? e ele não falou nada, sabe? ... E ele só ouviu? Só ouviu, e nós saímos de lá naquela expectativa, ele falou assim ali inclusive amanhã tem uma reunião do Conselho Federal e vocês podem assistir, sabe? foi a única coisa que ele falou. Aí no dia seguinte nós saímos do hotel e fomos direto para lá para a reunião. Eu (inaudível) a maior glória quando ele colocou, falou (inaudível) da Escola de Enfermagem, ô, ô, sabe? Aí foi muito bonito o nosso trabalho e voltamos satisfeitas pra Escola e trouxemos a comunicação para o pessoal, né?

V.: Vitória, né? Uma grande vitória.

C.: ... uma vitória, e a vitória não foi só de nós duas, a vitória foi da Escola como um todo porque nessas alturas todo mundo, sabe? se movimentou para que isso acontecesse, sabe?

E.: E, e como é que a, a, a diretora viu, que era freira, como é que ela aceitou, era a única, a última que restava como que ela aceitou isso, como é que ela reagiu a essa reação sua e a saída dela?

C.: Ó, ó foi que ela embolou.

E.:... e depois como professora (inaudível)

C.: Ela saiu, ela me entregou num dia, no dia seguinte ela saiu, sabe? Foi ela que me chamou e me falou que eu, eu ia ser indicada que ela, o professor Versiani a havia chamado, conversando com ela e perguntou para ela quem é que ela indicaria do corpo docente, e ela falou que me indicaria e ela me chamou e me chamou e me falou isso, não é?

E.: Ah, eles já tinham preparado... Já, a ela, né? Antes (sobreposição de vozes)

C.: Já, já ela já estava preparada, ela já estava preparada, então ela que me comunicou inclusive, sabe? Que eu seria escolhida porque ela havia me indicado, porque ela me indicou também eu não entrei em detalhes, né? eu falei assim: se eu estou no processo é que eu tenho que seguir nesse processo aí, né? E', então em, aí, em fevereiro, em fevereiro de 68 saiu na legislação, né? da Reforma Universitária... universidade e a Escola de Enfermagem (inaudível) o trabalho, né? de colocar a Escola, aí foram criados os departamentos, né? que naquela época eram dois departamentos só, foram criados dois departamentos é, criar colegiado, criar...

### [FINAL FITA 3 LADO A]

### FITA 3 LADO B

C.: Em 68 nós estávamos em, em Porto Alegre aí eu recebi um telefonema do professor Gerson de Brito Melo Boson falando que eu tinha que retornar correndo que teria que tomar posse, no dia seguinte, como diretora da Escola de Enfermagem, sabe? Aí eu vim, estava dona Izaltina também lá, né? em Porto Alegre. E no horário marcado então foi a dona Izaltina, a Nilza [de Andrade Ribeiro], eu, que a Nilza era secretária da Escola de Enfermagem, fomos pra lá. Eu cheguei lá, secretário do reitor me chamou: "Aqui a senhora assina como diretora da Escola de Enfermagem". Eu falei com ele não vou assinar, né? Aí eu não quis assinar, não assinei porque eu sabia que, e eu aceitasse aquela direção da Escola de Enfermagem, a dona Izaltina, ela nunca ia ter a oportunidade de ser diretora da Escola de Enfermagem, porque apesar dela ser uma mãe...

E.: Quer dizer que até então você estava sendo a diretora?

C.: Sendo a diretora.

E.: ... só que não da reforma,<sup>4</sup> aí então...

C.: Aí eu passaria a ser diretora da Escola de Enfermagem. Certo, e aí houve uma eleição anterior eu fiz uma eleição e eu fiquei inclusive com mais votos do que a dona

---

<sup>4</sup> Carmelita foi a primeira diretora após a saída das freiras, de março de 1967 a dezembro de 1968.

Izaltina. Aí eu pensei lá na hora, até hoje a Nilza não me perdoou isso, ela mesma fala isso, a hora que você for entrevistá-la, ela não perdoa isso por nada, a Nilza (risos), sabe?

V.: Nilza secretária?

C.: Nilza secretária, né? Aí eu falei com o professor que eu não aceito ser diretora da Escola de Enfermagem, eu indico a dona Izaltina, sabe? Ele falou assim: “Ah, mas a portaria está aqui, aqui ó, a portaria, aqui o livro como é que eu vou anular?” Eu disse anula, né? a dona Izaltina assim como diretora.

V.: Porque ela era a segunda votada?

C.: Ela era a segunda, sabe? Aí ele falou é, e ela acompanhando, né? inclusive ela tinha tido assim uma crise de choro, antes, porque ela queria ser diretora da Escola de Enfermagem, né? E eu analisando, eu falei assim, eu digo ela nunca vai ter, porque o pessoal da Escola não votaria nela pra ser diretora, apesar dela ser uma pessoa muito boa, sabe? ela não teria voto expressivo assim.

V.: Muita penetração na universidade, né?

C.: Lá fora, aí ela ainda tomou posse, né? Eles anularam a portaria, aí ele falou assim: “A senhora vai ser a vice-diretora”, eu falei “Está certo, aí eu dou apoio para ela não tem problema nenhum”.<sup>5</sup>

E.: Vocês estavam juntas quando você recusou, e qual a reação dela nesse momento?

C.: Felicidade ela, ela ajoelhou e me agradeceu, sabe? Essa cena ficou gravada assim, ó, na sala, sabe? ficou gravada e, aí passei a ser a vice diretora da Escola de Enfermagem, com a dona Izaltina, mas na realidade eu era vice diretora, só no papel, eu era diretora da Escola de Enfermagem. Uma coisa assim que é muito mais, uma coisa, acho que essa hora a gente, a gente tem que colocar as coisas, mas eu assumir a direção da Escola, eu que fiz todas as coisas. Eu passei a tomar toda as decisões que a dona Izaltina fazia, mais as [decisões] internas, que a dona Izaltina era uma pessoa que vivia mais para o, né? a, sabe? Então eu tomava as providências, fazia tudo, fazia as convocações.

V.: Era mais de relações com as outras pessoas.

---

<sup>5</sup> Izaltina foi diretora de dezembro de 1968 a dezembro de 1972; de junho de 1981 a outubro de 1982, como decana.

C.: É, é essa parte de fora ficava por conta dela e eu ficava com a parte de, interna, né? E inclusive até no, no, em 70, eu acho que foi em 70 que ela saiu pra fazer uma plástica, que ela fez plástica lá no Rio de Janeiro (risos) e eu fiquei, fiquei respondendo pela Escola, mas ela inclusive, a dona Izaltina não admitiu que fosse uma [portaria de serviço de distribuição] porque se fosse feito eu teria, eu receberia uma gratificação. E ela, e ela não admitiu.

E.: Foi nessa época também que ela fez um curso na Inglaterra?

C.: Foi, na Inglaterra.

E.: E também você não teve (sobreposição de vozes) [gratificação?]

C.: Não, não tive, ela não aceitou, ela ficou, primeiro ela foi para os Estados Unidos, você lembra? Ela foi para os Estados Unidos ficou três meses, depois ela foi para a Inglaterra e ficou seis meses. Ela não aceitou, ela não admitiu que fosse, que fizesse [portaria] de substituição, sabe? E continuou, nós trabalhamos juntas esse tempo todo na Escola de Enfermagem, né? Até 72 parece que foi a direção dela, né? (Inaudível) acho que foi 72, de 69 a 72 foi quando ela saiu e eu fiquei como chefe de departamento na época era DEA e DEB. Acho que era só dois, né? DEA e DEB, né? Aí eu fiquei com o DEA, coordenando o DEA como chefe do departamento.

E.: E tinha outro nome, não me lembro ou era enfermagem básica e eu acho que era saúde pública.

C.: Não, acho que era enfermagem aplicada.

V.: Foi nisso [sobreposição de vozes] ? Aí vai o nome?

C.: É, é Departamento de Enfermagem Básica e Departamento de Enfermagem Aplicada, só os dois?

V.: É as disciplinas de saúde pública e materno-infantil ficaram no DEA?

C.: No DEA, no DEA, sabe? Aí depois em 1980, foi em 80?... a década de 70, é que desmembrou e criou 3 departamentos, aí que passou DEMISP, [Departamento de Enfermagem Materno Infantil e Saúde Pública], DEA e DEB, não é? Então eu fiquei como chefe de departamento e, é inclusive eu fiquei com dois mandatos seguidos para estruturar o DEB, o DEA, né? Eu não sei quem ficou no DEB.

E.: Nesse período teve, acho que eram várias, teve em, não foi Norma Lúcia, não?

C.: É, foi sim, foi Norma Lúcia.

E.: ... não sei se foi antes da Norma.

C.: ... não, foi Norma, foi Norma.

E.: (inaudível) mas não sei se...

C.: ... não acho que Norma, a não aquela lá não, aquele lá não, foi a Noemi mesmo. É a Noemi era lá do meio, né? Parece que foi Norma sim, eu tenho a impressão que foi Norma.

E.: A, a, a Silvana não foi também não?

C.: ... foi lá do nosso, do nosso [departamento].

E.: ... ah Silvana era do seu.

C.: ...Silvana foi de lá do nosso departamento, aí em 80 que , que desmembrou e criou o DEMISP e ficou DEA, DEB e DEMISP, né? A, e quando é criou o DEMISP eu também fui eleita chefe por um tempo parra organizar o DEMISP, né? Para organizar o DEMISP em 1980.

V.: Voltando só um pouquinho em 68 ainda, como é que foi o processo de extinção do internato?

C.: Não foi fácil não, sabe ô Valda? Porque tinha muitas alunas do interior e a aluna do interior quando ela vinha ela, ela queria algum lugar pra ficar porque não tinha condições de pagar, né? Foi um trabalho muito difícil, mas o pessoal falava assim, a própria congregação, como que a gente, é um curso superior, e vai ter que manter as alunas dentro do, dentro do internato? Aí vai a gente ficar diferente dos outros, não é? E aí começamos a fazer um trabalho com os alunos no sentido de mostrar pra eles o seguinte: se vocês são estudantes universitários, vocês vão ter que ter a mesma condição dos outros, não é? E foi, e não houve assim muita dificuldade não, sabe? Mas nós acabamos com o internato e, aí o quinto andar e sexto andar passaram a ser ocupado pela, pelo ICB, pelo ICB que eles estavam não sei quais eram as principais matérias que eram dadas aí, porque ainda não tinham a área, né? Era uma parte na Faculdade de Medicina e uma parte aqui na Escola de Enfermagem (inaudível) é, né? Era dada aqui.

V.: O que foi feito (tosse) do material do mobiliário com, com a extinção do internato, porque mudou a vida da Escola em vários aspectos?